
RESENHAS

ANDRADE, M.C. de. **O desafio ecológico**: utopia e realidade. São Paulo: Hucitec, 1994. 108p. (Coleção Geografia: Teoria e Realidade, n. 24).

ANDRADE, M.C. de. **Modernização e pobreza**: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social. São Paulo: Unesp, 1994. 250p.

Estudioso da questão agrária e um dos decanos da moderna geografia brasileira, Manuel Correia de Andrade é bastante conhecido e apreciado em todo o País pela autoria de livros que, apesar de publicados pela primeira vez há várias décadas, continuam sendo muito requisitados até hoje. Tal é o caso, por exemplo, de seu clássico “A Terra e o Homem no Nordeste”, que data do início da década de 60, ou então de “Paisagem e Problemas do Brasil”, um valioso estudo comparativo de nossas regiões, o qual tem apenas alguns anos menos. E, fato ainda mais significativo, o próprio autor não ficou atrás de suas obras, matendo-se há tempos em plena e intensa atividade. Recentemente, depois de aposentar-se (compulsoriamente) na Universidade Federal de Pernambuco, ele passou a trabalhar na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, onde continua, como sempre, pesquisando e publicando.

Os dois livros aqui comentados já fazem parte dessa nova fase e apresentam como traço comum a sua renovada preocupação com as questões do meio ambiente. O primeiro, embora menos extenso, tem amplitude maior, enquanto o segundo concentra-se na problemática da agroindústria canavieira antes e depois do PROALCOOL. Tanto um como outro, porém, são essencialmente descritivos e introdutórios, e estão longe de esgotar as múltiplas dimensões dos temas que abordam. Sendo de leitura fácil e agradável (apesar de alguns irritantes cochilos de revisão), ambos possuem maior utilidade para um público não especializado, embora cheguem a sugerir alguns novos enfoques aos técnicos envolvidos em estudos agroindustriais e ecológicos.

“O Desafio Ecológico” é um conjunto de oito ensaios elaborados independentemente, e que examinam a problemática agroambiental sob diversos ângulos, procurando chamar a atenção para as interconexões

existentes entre seus aspectos ecológicos, econômicos e políticos. O enfoque é essencialmente intertemporal, abrangendo as causas do passado, os problemas do presente e as conseqüências no futuro, e visando a soluções que beneficiem os grupos sociais mais prejudicados pela falta de cuidados com o meio ambiente, sem esquecer seus descendentes e sucessores. Ao lado de textos mais gerais sobre a geopolítica e a ecologia na formação do País, e as relações entre homem e natureza no Brasil de hoje, figuram outros mais específicos, relativos à agricultura nordestina, aos problemas criados pela mineração e à questão da seca.

Neles, Manuel Correia de Andrade contrapõe-se tanto aos predadores da natureza, como aos utópicos, que pretendem conservá-la inalterada a qualquer custo, defendendo soluções baseadas no planejamento a longo prazo e na participação ativa de todos os interessados. Ele lembra reiteradas vezes que a devastação do meio ambiente envolve não apenas a destruição da flora e da fauna, a poluição do ar, das águas e dos solos, mas também a degradação do próprio homem, uma das principais vítimas do processo. E, num capítulo sobre reforma agrária na América Latina, mostra que a substituição do latifúndio tradicional pelo latifúndio moderno pode levar e, na prática, tem levado a maior depredação, tanto do equilíbrio ecológico quanto do tecido social preexistente.

Isto aparece claramente na expansão da agroindústria canavieira, cuja análise no passado e no presente é objeto do outro livro do autor, mais ambicioso e melhor estruturado que o primeiro, tendo resultado, segundo suas próprias palavras, de vários anos de observação, reflexão e estudo. Nele constata-se que, à medida que a riqueza vai sendo acumulada e concentrada no setor e à medida que sua tecnologia avança, novos problemas vão surgindo, e novas implicações abrem perspectivas a novas mudanças. Isto faz com que sua situação atual esteja longe de ser definitiva, constituindo pelo contrário apenas uma etapa de um processo em curso, cujo desfecho não pode ainda ser previsto. Inclusive porque se trata de um estágio no qual coexistem elementos arcaicos e modernos, tanto entre os empresários quanto entre os trabalhadores envolvidos, para não falar dos governos, que, teoricamente, deveriam estar mediando os conflitos entre ambos.

Além da introdução geral e da alentada (mas incompleta) bibliografia, “Modernização e Pobreza” compreende 18 capítulos distribuídos em três partes, que estudam, respectivamente, o setor como um todo, no seu contexto nacional e internacional, os espaços açucareiros e alcooleiros das várias regiões do País, e os principais atores que têm interagido no seu

Resenhas

desenvolvimento. A primeira parte inclui dois capítulos – um de caráter histórico e outro de cunho espacial. A síntese apresentada por este último desdobra-se na análise região por região dos onze capítulos da segunda parte. Finalmente, os cinco da terceira examinam sucessivamente as posturas dos usineiros, dos fornecedores da cana, dos trabalhadores da agroindústria, e do Estado brasileiro em face dos interesses desses agentes e da sociedade como um todo.

A parte mais extensa é a segunda, que, não obstante, deixa a desejar por causa do seu caráter sumário e predominantemente descritivo. Seus dados não estão isentos de repetições e carecem, às vezes, de maior atualização e profundidade, tornando os capítulos vinhetas impressionistas, em vez de análises integradas. Em muitos deles faltam informações essenciais a respeito das possibilidades de expandir a área cultivada e/ou de melhorar a produtividade agroindustrial do País. Isto para não falar das considerações de mercado, relativas à demanda e aos custos do açúcar e do álcool; produzidos nas várias regiões.

Já os capítulos da primeira e da terceira partes não padecem dos mesmos defeitos, em decorrência de maior densidade teórica e empírica, tanto na colocação dos problemas quanto na interpretação histórica e sociológica. Embora variáveis quanto à sua abrangência e à sua atualidade, os dados desses capítulos estão bem apresentados, tanto nas tabelas como nos mapas. E a bibliografia no final do volume, apesar de bastante ampla, é um tanto heterogênea, englobando indistintamente trabalhos de vários tipos e de natureza muito diversa.

De modo geral, os dois livros me parecem úteis e interessantes, mas também algo incompletos e superficiais. A importância e a complexidade dos problemas abordados exigem, a meu ver, maior rigor analítico no seu equacionamento. E este maior rigor não pode ser conseguido apenas pelas iniciativas isoladas de pesquisadores individuais, por mais competentes e melhor intencionados que sejam.

Tamás Szmrecsányi
Departamento de Política Científica e Tecnológica
Instituto de Geociências
UNICAMP